

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Departamento de Arqueologia e Antropologia**

*Interpretação das práticas de desenvolvimento: Caso dos beneficiários  
da Caixa Comunitária de Micro Finanças do Bairro do Zimpeto*

**Modesto Flemyng Justino**

**Relatório de pesquisa em cumprimento parcial dos requisitos para  
Obtenção do Grau de Licenciatura Na Universidade Eduardo  
Mondlane**

**Supervisor: Dr. Elísio Jossias**

Maputo, Novembro de 2011

Relatório de pesquisa em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais na Universidade Eduardo Mondlane.

**Supervisor**

-----

**Presidente**

-----

**Oponente**

-----

# DECLARAÇÃO

Declaro que este trabalho de final de curso nunca foi apresentado na sua essência para a obtenção de qualquer grau acadêmico e que constitui resultado da minha investigação, estando indicado no texto as citações e na bibliografia as fontes que utilizei.

Modesto Flemyng Justino

---

-----

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro agradeço ao meu supervisor, a minha família especialmente a minha mãe e aos meus irmãos bem como a todos que participaram na elaboração deste relatório de pesquisa especialmente a João Macuacua e Katya Chavel e aos demais que não citei.

## **DEDICATÓRIA**

Em primeiro lugar dedico este trabalho a minha mãe, aos meus irmãos ao meu falecido pai e aos demais amigos e colegas que participaram nesta longa caminhada de 4 anos que constituiu a Licenciatura a destacar Armando Caldas e Lino Machaieie meus colegas do curso e aos membros do segundo grupo do curso da Antropologia da geração 2007.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

- 1. AFD-** Agência Francesa de Desenvolvimento
- 2. BCI-** Banco Comercial de Investimento
- 3. BM-** Banco De Moçambique
- 4. CCOM-** Caixa Comunitária de Micro Finança
- 5. CD-** Cabo Delgado
- 6. CCP-** Caixa Crédito e Poupança
- 7. FRELIMO -** Frente de Libertação de Moçambique
- 8. RENAMO -** Resistência Nacional de Moçambique
- 9. RSA -** República Sul-Africana
- 10. PRE-** Programa de Reabilitação Económica

## Resumo

O presente relatório é resultado da pesquisa de campo realizada no Mercado Municipal do Bairro do Zimpeto que tem como objectivo fazer análise do significado que os beneficiários atribuem a CCOM do Bairro do Zimpeto.

A pesquisa parte do facto de observarmos uma proliferação de instituições Micro financeiras que concedem crédito a populações de baixa renda que grande parte dela encontra-se no sector informal e que não tem acesso a crédito na banca comercial. Estas instituições surgem como parte da solução a conjuntura actual caracterizada por uma elevada taxa de desemprego daí a necessidade de demonstrarmos como os beneficiários destas instituições que no caso é a CCOM do Bairro Zimpeto incorporam as lógicas implementadas pela instituição e como essas lógicas influenciam na forma como eles vêem e interpretam a CCOM do Bairro do Zimpeto como um modelo de desenvolvimento.

Para a materialização do nosso objectivo partimos do pressuposto teórico de Casal (1996) que vê o desenvolvimento como realidade social que resulta da interacção entre desenvolvedores e desenvolvidos com lógicas distintas.

A CCOM do Bairro do Zimpeto para a concessão de crédito usa o modelo de grupo e dá primazia a valores como solidariedade e espírito de entreajuda entre os membros integrantes dos grupos.

Os grupos geralmente são formados e constituídos por membros que fazem parte da mesma rede social e na escolha dos elementos integrantes os mesmos tendem a validar aspectos sociais como o grau de confiança, honestidade e integridade do membro em causa.

Constamos que os beneficiários formam os grupos para a satisfação de interesses individuais o que choca com os princípios defendidos pela CCOM do Bairro do Zimpeto que são a solidariedade e o espírito de entreajuda entre os membros integrantes do grupo.

**Palavras-chave:** CCOM do Bairro do Zimpeto, desenvolvimento, grupo, redes sociais

## Índice

1	Introdução.....	1
2	Metodologia.....	3
3	Caracterização da CCOM.....	6
3.1	Perfil social dos beneficiários da CCOM do Bairro do Zimpeto .....	8
3.2	Motivações da adesão a CCOM do Bairro do Zimpeto .....	10
4	Processos de formação de grupos e valores assentes na escolha dos seus membros.....	13
4.1	Práticas de uso de crédito e mecanismos de devolução .....	20
5	Percepções e representações sociais sobre a CCOM do Bairro de Zimpeto .....	24
6	Considerações finais .....	28
7	Referências Bibliográficas .....	29

## 1 Introdução

O presente relatório constitui um requisito parcial para a obtenção de grau de licenciatura e tem como tema Interpretação das Práticas de Desenvolvimento. O mesmo desenrolou-se no Mercado Municipal do Bairro do Zimpeto que constituiu o nosso contexto de pesquisa.

Ao longo do século XX e de acordo com as conjunturas económicas e políticas várias teorias sobre o desenvolvimento foram se impondo e sucedendo. Algumas perspectivas defendem que o desenvolvimento concretiza-se pela superação de uma série de fases de crescimento sendo a tradição a primeira por ser considerada como obstáculo para o conhecimento moderno (Furtado 1971).

A perspectiva de Wiarda (1981) advoga ser possível alcançar o desenvolvimento sem romper ou abdicar de estruturas e costumes. Por outro lado o desenvolvimento não pode ser visto apenas sob o ponto de vista económico e sim como uma realidade social, cultural e histórica (Casal 1996).

Na temática de desenvolvimento, a partir dos anos 60 do século XX, o desenvolvimento passou a constituir objecto legítimo da Antropologia embora estivesse incorporada antes desta altura na sua versão arcaica ligada a evolução, progresso e mudança social. Baseando-se nesta perspectiva Antropológica, o desenvolvimento passou a ser entendido como um processo no seu contexto contemporâneo em direcção a condição que algumas nações do mundo devem atingir (Lucymair 1987).

Esta perspectiva propõe um distanciamento da visão normativa do que pode ser verdadeiro desenvolvimento por não permitir captar com clareza as práticas reais dos processos de desenvolvimento. O desenvolvimento deve ser entendido como um fenómeno social complexo em que só a investigação nos permitirá saber as práticas efectivas do conjunto de actores que ela envolve (Sardan 1990).

Partindo deste pressuposto, observou-se que existem vários modelos com vista a alcançar o desenvolvimento. Porém Christien (1997) afirma que para a implementação desses modelos que no caso são as instituições micro fisco financeiras não deve-se partir ou assentar-se em pressupostos construídos em contextos ocidentais pois ao serem aplicados em outros contextos em condições diferentes podem provocar conflitos que

derivam da não compreensão das modalidades de funcionamento por parte dos beneficiários desses modelos de desenvolvimento.

Os estudos desenvolvidos por autores como Vleter (2001) e Yunus (2001) centram a sua análise na visão das instituições que desenham os modelos de desenvolvimento que no caso são as instituições Microfinanceiras implantados nos países em vias de desenvolvimento realçando a sua importância sem se ter em conta a visão dos beneficiários desses programas.

A nossa pesquisa apoia-se na visão de Lucy Mair (1987) que defende que nos estudos Antropológicos o desenvolvimento não deve ser visto sob a perspectiva dos desenvolvedores mas deve-se ter em conta a visão daqueles que são beneficiários. Assim procuramos analisar a visão dos beneficiários dos programas de desenvolvimento.

A pesquisa tem como questão de partida: Que significado os beneficiários atribuem a CCOM do Bairro do Zimpeto? E tem como objectivo geral fazer análise do significado atribuído a Caixa Comunitária por parte dos beneficiários.

O relatório de pesquisa irá comportar quatro capítulos tendo como primeiro capítulo a metodologia. A metodologia tem como objectivo descrever todas as etapas e procedimentos que marcaram a realização da pesquisa.

No segundo capítulo iremos descrever o historial da CCOM, sua política de crédito, seus objectivos e suas motivações para a procura dos serviços da CCOM do bairro do Zimpeto bem como o contexto que marcou o surgimento da mesma. Iremos descrever ainda o perfil social dos beneficiários, suas categorias bem como as motivações que os levaram a tornarem-se beneficiários.

No terceiro capítulo iremos proceder a descrição das etapas e percursos que marcam o processo de formação e constituição dos grupos realçando os valores subjacentes na escolha dos membros integrantes.

No quarto capítulo iremos compreender as percepções e as representações que os beneficiários têm com relação a caixa comunitária bem como os conflitos inerentes no quadro de interacção entre a CCOM e os beneficiários.

## 2 Metodologia

A realização da nossa pesquisa obedeceu parâmetros defendidos pela abordagem qualitativa. A abordagem qualitativa tem as suas raízes nas práticas desenvolvidas pelos Antropólogos e em seguida pelos Sociólogos em seus estudos sobre a vida em comunidade (Trivinos, 1987).

A pesquisa comportou três etapas sendo a primeira o desenho do projecto de pesquisa, a segunda etapa comportou a recolha de dados e a terceira etapa análise e interpretação dos dados. A revisão bibliográfica comportou a leitura de artigos científicos, pesquisas anteriores, documentos e obras que se debruçavam sobre a temática de desenvolvimento bem como de instituições Micro Financeiras.

Esta etapa da pesquisa foi realizada na biblioteca do Departamento de Arqueologia e Antropologia, na Biblioteca Central Brazão Mazula e na Biblioteca da Universidade Pedagógica delegação de Maputo tendo terminado com o desenho do projecto de pesquisa.

A segunda etapa compreendeu a realização do trabalho de campo e a recolha de dados e foi realizada no Mercado Municipal do Bairro do Zimpeto. A escolha do Mercado Municipal prende-se com o facto de neste encontrarmos grande parte dos beneficiários da CCOM a desenvolverem as suas actividades.

O momento que marcou o início da recolha de dados foi na CCOM numa Sexta-feira que coincidiu com o dia de formalização dos grupos. Aproveitando o facto de a CCOM estar relativamente agitada tentamos sem sucesso mantermos contacto com um dos beneficiários. Questionado sobre as razões da recusa o beneficiário alegou que não era hábito seu conversar com estranhos quanto mais acerca de aspectos que relacionam-se com a CCOM adiantando que desconfiava das nossas reais intenções.

Após esta experiência apercebemo-nos que aquele não era o melhor local para conversar com os nossos informantes tendo sido aconselhado por um dos beneficiários a dirigirmo-nos ao Mercado Municipal. Na primeira deslocação ao Mercado Municipal os beneficiários questionaram-nos se trazíamos connosco uma autorização do Fiscal do Mercado e que sem a mesma eles não prestariam nenhum depoimento.

O Fiscal do Mercado por seu turno exigiu-nos um documento escrito passado pelo Secretário do Bairro e só com esse documento ele nos autorizaria a realizar a pesquisa

argumentando que não podíamos simplesmente realizar a pesquisa sem o consentimento da estrutura do Bairro.

A aquisição da autorização escrita pelo Secretário do Bairro demorou duas semanas comprometendo deste modo a realização da nossa pesquisa pois o Secretário estava constantemente ocupado e em certas ocasiões encontrava-se ausente. Após o levantamento da autorização escrita deparamo-nos com outro obstáculo, que era a questão da indisponibilidade de informações sobre funcionamento da CCOM bem como em relação as suas práticas.

Por se tratar de uma pesquisa que enquadra-se no estudo baseado na interacção entre os beneficiários e a CCOM, estes mostravam-se desconfiados apesar de em muitas ocasiões termos multiplicado esforços em explicar que a pesquisa tinha uma finalidade puramente académica.

Vários foram os motivos adiantados para a recusa, sendo o motivo mais frequente o facto de estes acharem que tratava-se de um trabalho encomendado pela CCOM. Outro constrangimento ou entrave que a nossa pesquisa teve foi a questão da indisponibilidade de tempo para conversas ou para a cedência de informações por parte dos beneficiários.

Muitas vezes, as conversas eram continuamente interrompidas, pois estas eram feitas no período normal de vendas, e por estes não aceitarem ceder informações fora do contexto de pesquisa ou do Mercado Municipal. Como estratégia para fazer face a esta situação, recorremos a ajuda do responsável da CCOM de modo a persuadir os beneficiários a cederem informações por nós requeridas. Porém, esta solução mostrou-se pouco viável.

Para ultrapassar esta situação, criamos confiança com os informantes sem ter que apelar de novo ao responsável da CCOM. Quanto a questão da indisponibilidade de tempo, para mantermos conversa com os nossos informantes passamos a ter encontros nos períodos em que não se registava muita agitação por coincidir com o período de almoço dos mesmos.

Outro obstáculo, estava relacionado com o facto da recusa do responsável pela concessão de crédito em ceder informações, argumentando que tínhamos que ter um guião de questões escrita e o mesmo iria seleccionar as questões por responder. Em jeito de resposta apoiamo-nos no facto de as questões previamente elaboradas não nos

permitirem explorar todos aspectos que seriam relevantes para a pesquisa tendo o responsável acedido o nosso pedido.

Para a recolha de dados fizemos o uso da técnica de observação não participante bem como entrevistas informais não estruturadas ou conversas informais. Para Lakatos (2009) a observação não participante consiste na entrada do pesquisador em contacto com a comunidade por si estudada sem integrar-se a ela sem a participação efectiva ou envolvimento porém este procedimento tem um carácter sistemático.

Com a observação não participante, acompanhamos o processo de formação de um grupo cujos elementos serviram-nos de informantes. O grupo foi formado por iniciativa de um beneficiário que convidou-nos a participar em reuniões que os elementos do grupo realizavam antes da sua formalização tendo com o grupo, participado em reuniões e palestras organizadas pela CCOM do Bairro do Zimpeto onde observamos as práticas percepções e comportamento dos beneficiários.

Ainda no âmbito da recolha de dados aliamos a observação não participante às entrevistas informais não estruturadas. Estas foram feitas a oito beneficiários e ao responsável da CCOM do Bairro do Zimpeto e foram bastante relevantes por nos permitir obter dados sobre o historial do surgimento da CCOM bem como os objectivos da sua criação o que foi bastante produtivo para a pesquisa por facilitar a compreensão das lógicas implementadas pela CCOM assim como a percepção das visões e expectativas que os beneficiários têm com relação CCOM do Bairro do Zimpeto.

De salientar que não nos foi permitido fazer o uso do gravador por razões diversas, tendo a salientar o facto de os informantes desconfiarem da nossa real intenção e não quererem sofrer represálias, pois os mesmos sentir-se-iam expostos se concedessem informações que comprometessem a reputação da CCOM do Bairro do Zimpeto.

Na terceira fase da pesquisa fizemos a análise e a codificação dos dados recolhidos. Para a análise dos dados recorremos a perspectiva de Casal (1996) que concebe o desenvolvimento como fenómeno social. Esta perspectiva permitiu-nos a partir da interacção entre desenvolvedores (CCOM) e desenvolvidos (beneficiários) analisar o significado que os beneficiários atribuem a Caixa Comunitária como modelo de desenvolvimento.

### **3 Caracterização da CCOM**

Este capítulo têm como objectivo de fazer o historial da CCOM descrevendo o contexto do surgimento, políticas de crédito e proceder a descrição do perfil social dos beneficiários bem como as motivações que os levaram a tornarem se beneficiários.

A CCOM foi criada em CD em 1992 após a assinatura do Acordo Geral de Paz de Roma que culminou com o fim do conflito armado entre a Renamo e a Frelimo que durou 16 anos. Foi no contexto pós-guerra e com os problemas conjunturais inerentes a mesma, como o abandono das populações das suas zonas de origem concentrando-se nas cidades em busca de segurança e melhores condições de vida que a CCOM é criada.

Neste contexto a AFD em parceria com Agência de Desenvolvimento do BM criaram um projecto de repatriamento das populações afectadas pela guerra para suas zonas de origem criando-se a CCP.

A CCP tinha como objectivo a criação de uma linha de crédito para as populações repatriadas de modo a iniciarem actividades comerciais como forma de ter uma actividade rentável para sua sobrevivência melhorando deste modo a sua qualidade de vida.

Neste projecto, a AFD encarregava-se da parte financeira disponibilizando fundos a CCP e a Agência de Desenvolvimento do BM encarregava-se de dar assistência técnica através da formação e treinamento dos funcionários da CCP. Essa formação baseava-se na interpretação dos procedimentos técnicos da CCP.

O projecto CCP expandiu-se criando mais caixas ou dependências em CD, Nampula, Chokwé, Manhiça e Maputo. Em 2005 a CCP muda a sua denominação para CCOM por não privilegiar a questão do depósito porém não alterou os objectivos do programa, alterando apenas a questão de depósito ou poupança pois a CCP incentivava as populações a depositarem as suas economias na CCP e com a CCOM focava-se apenas na concessão de crédito.

Actualmente, a CCOM possui treze Caixas que são delegações, sete em CD, uma em Nampula, uma em Chokwé, uma em Manhiça e quatro em Maputo. Cada Caixa

funciona de forma autónoma sendo geridas por pessoal residente na zona onde as Caixas encontram-se instaladas.

Este facto, advém do pressuposto segundo o qual os residentes têm melhor conhecimento da realidade social da sua área residencial ou Bairro o que de certo modo facilita o processo de gestão de crédito.

A CCOM tem uma linha de crédito que varia de 4000 meticais o valor mínimo e 100000 meticais o valor máximo, porém o gestor da Caixa tem autonomia de ceder crédito até 50000 meticais e valores a cima deste só com a autorização da Agência sede que situa-se na cidade de Maputo e que tem a função de prestar assistência técnica as Caixas.

Actualmente a CCOM tem uma linha de clientes na ordem de 36000 a nível nacional e tem uma modalidade de crédito individual e em grupo. Na modalidade de crédito em grupo a CCOM valoriza garantias sociais como a solidariedade e o espírito de entreatajuda entre os membros do grupo visto que no grupo cada membro é avalista do outro, porém não descora da garantia material.

De acordo com os princípios desta modalidade a dívida é do grupo e o pagamento das parcelas da divida é feita pelo grupo como um todo e entre os membros do grupo há um espírito de entreatajuda. O espírito de entreatajuda caracteriza-se pelo pagamento da parcela do membro que por razões diversas faltar com o compromisso de pagar a parcela do empréstimo.

Como tal, antes da cedência do crédito a CCOM confere o grau de solidariedade entre os membros do grupo e este é o principal critério para a aceitação do grupo pela CCOM e conseqüentemente para se ter acesso ao crédito.

No Bairro do Zimpeto, a CCOM encontra-se operacional desde 1998 operando com quatro elementos: um Gestor de crédito que tem a responsabilidade de aprovar os grupos e conseqüentemente o crédito, dois elementos na área administrativa que se ocupam dos processos dos grupos e um analista de crédito que faz a inventariação dos bens dos membros dos grupos.

A CCOM do Bairro do Zimpeto oferece uma carteira de crédito de dez mil meticais ao primeiro pedido de crédito aumentando gradualmente o valor na ordem de dois mil meticais a cada empréstimo que o grupo fizer posteriormente e uma taxa de juro 4,5% e o valor do crédito é pago em 6 prestações.

A CCOM tem como clientes preferenciais vendedores informais e pequenos proprietários de estabelecimentos e os funcionários das instituições privadas e públicas. A CCOM do Bairro do Zimpeto tem como requisitos para o acesso ao crédito o preenchimento da ficha de garantia financeira, caderneta individual, pedido de adesão a CCOM do Bairro do Zimpeto, a declaração do Bairro que é emitida pelo Secretário do Bairro no qual certifica-se a residência e a declaração de bens.

A CCOM do Bairro do Zimpeto, para a concessão de crédito além da garantia material que é feita mediante a inventariação dos bens dos beneficiários, ela privilegia aspectos sociais como a capacidade dos membros ajudarem-se uns aos outros, no caso de os mesmos terem dificuldades em reembolsar o valor de crédito.

No início o entendimento dos beneficiários sobre o funcionamento da CCOM do Bairro do Zimpeto diferia dos procedimentos instituídos por esta. Estas diferenças são notórias em aspectos que relacionam com a cedência de dados falsos como moradias falsas, bem como a conexão da CCOM do Bairro do Zimpeto á uma instituição governamental e por vezes religiosa sem fins lucrativos e com objectivo de ajudar a desenvolverem os seus negócios e o facto de os beneficiários não perceberem a lógica de funcionamento do sistema de crédito em grupo.

### **3.1 Perfil social dos beneficiários da CCOM do Bairro do Zimpeto**

Neste sub- capítulo faz-se a descrição do perfil social dos beneficiários. A apresentação deste sub-capitulo visa fazer uma caracterização dos beneficiários, suas actividades económicas, bem como a sua situação económica e social.

Os beneficiários da CCOM do Bairro do Zimpeto encontram-se numa faixa etária de 24-55 anos e para o provimento de recursos, os beneficiários da CCOM do Bairro do Zimpeto desenvolvem diferentes actividades comerciais como a venda de hortícolas no Mercado Municipal, fardos de roupas usada nas suas residências e nas bermas do Mercado Municipal, carvão a saco e a retalho nas residências e no Mercado Municipal entre outros locais.

Encontramos na CCOM do Bairro do Zimpeto, embora em número reduzido, beneficiários que nalguns casos são antigos funcionários das empresas estatais privatizadas no âmbito das políticas preconizadas pelo Programa de Reabilitação Económica.

Com o Programa de Reabilitação Económica implementado em Moçambique em 1987 muitas empresas que antes estavam sob gestão do Estado foram privatizadas e reestruturadas e como consequência grande parte dos trabalhadores foram dispensados e indemnizados como o caso do nosso informante a baixo:

*“(...)Eu era trabalhador de uma Empresa Estatal e em 1993 ela foi privatizada e reestruturadas e o nova gestão não estava interessada nos nossos serviços tendo a mesma nos indemnizado. Com o dinheiro da indemnização investi numa pequena oficina de reparação de electrodomésticos e num pequeno estabelecimento comercial e dediquei-me a venda de produtos alimentares, cosméticos, entre outros (...)”*

Encontramos ainda no universo dos ex-trabalhadores das minas da República Sul-Africana que viram os seus contratos expirados e outros que foram dispensados no âmbito da reestruturação das minas que culminou com corte do pessoal. Com o valor recebido das indemnizações desenvolveram o seu próprio negócio como o caso do nosso informante a baixo:

*“(...) Eu trabalhei na mina da republica sul africana durante 15 anos mas a nossa empresa encontrava-se em dificuldades financeiras tendo o patronato decidido reduzir o numero de trabalhadores optando pela contratação de novos operadores de maquinas de perfuração tendo na ocasião nos indemnizado e com o valor da indemnização iniciado o meu próprio negócio que era o da venda de material escolar e cosméticos (...)”*

É possível encontrar ainda no universo dos beneficiários masculinos, funcionários das instituições públicas e privadas que embora não desenvolvam nenhuma actividade comercial com o valor de crédito financiam as actividades económicas ou pequenos negócios dos seus cônjuges como o caso do nosso informante abaixo:

*“(...)Eu sou funcionário de uma instituição privada e a minha esposa é desempregada como forma de aumentar o nosso rendimento mensal financio o negócio da minha esposa (...)”*

No presente sub-capítulo debruçamo-nos sobre o perfil social dos beneficiários da CCOM e constatamos que o universo dos beneficiários da CCOM do Bairro Zimpeto é vasto e não é constituído apenas por beneficiários que desenvolvem actividades

comerciais. Esta análise torna -se relevante para a compreensão das motivações da adesão a CCOM do Bairro do Zimpeto assunto que abordaremos no sub-capítulo seguinte.

### **3.2 Motivações da adesão a CCOM do Bairro do Zimpeto**

Neste sub-capítulo discute-se as motivações da adesão CCOM do Bairro do Zimpeto. Pretende -se aqui descrever as trajetórias individuais dos elementos de um grupo de beneficiários salientando as razões que estão por detrás da procura dos serviços da CCOM do Bairro do Zimpeto.

Os beneficiários da CCOM Bairro do Zimpeto de acordo com as suas trajetórias de vida apresentam uma diversidade de motivos e razões que os levam a procurar os serviços da CCOM do Bairro do Zimpeto.

Nalguns casos os beneficiários procuram os serviços da CCOM do Bairro do Zimpeto pelas vicissitudes e contrariedades da profissão que desempenham como podemos constatar na narração baixo:

*(...) Trabalhei nas minas da República Sul-Africana e fui abrangido pelo processo de reestruturação conseqüentemente fui demitido sendo obrigado a regressar a Moçambique.*

*Chegado ao país em 2007 trabalhei numa instituição e desempenhei a função de segurança. O trabalho era pesado, trabalhava duas noites seguidas e por vezes os meus colegas não me rendiam como tal não tinha tempo para estar com a minha família e os salários por vezes atrasavam por isso deixei de trabalhar e passei a fazer negócios com ajuda de um amigo que arranjou-me uma banca no Mercado Municipal.*

*No início foi difícil porque não conseguia aguentar com a concorrência dos donos dos contentores que tinham preços baixos em consequência disso fui a falência e não tinha como arranjar dinheiro para recomeçar o meu negocio foi então que um dos meus colegas falou me da CCOM do Bairro do Zimpeto e das vantagens em tornar-me beneficiário aproveitando a ocasião disse que estava a formar um grupo e convidou-me a fazer parte (...)* .

Noutros casos os beneficiários procuram os serviços da CCOM do Bairro do Zimpeto como uma atitude de prudência devido a natureza da actividade que desenvolvem como sustenta a narração do nosso informante a baixo:

*“(...) Eu era sócio do meu amigo no negócio de reparação de telemóveis e tínhamos uma barraca fora do Mercado Municipal. Trabalhamos juntos durante dois anos tendo depois deste período decidido deixar a sociedade e ter o meu próprio negócio.*

*Falei com o Secretário do Bairro que me cedeu um espaço dentro do Mercado e montei a minha barraca para a reparação de telemóveis. O negocio corre bem há muita gente que vem aqui arranjar telemóveis não tenho razões de queixas só que um dia um dos meus colegas aconselhou-me a tornar-me beneficiário da caixa porque essas coisas de negócios tem dias há dias que as coisas correm bem e há dias que as coisas correm mal e quando as coisas correrem mal é sempre bom ter um sitio onde pudemos pedir ajuda (...)”*

Há casos em que os beneficiários encontram-se desempregados e procuram os serviços da CCOM do Bairro do Zimpeto como ponto de partida para exercer um negócio através do apadrinhamento dos restantes membros do grupo como constatamos na narração a baixo:

*“(...) Em 2008 vindo da província de Inhambane a procura de emprego Hospedei-me na casa do meu Tio e dois meses depois o meu Tio emprestou-me um dinheiro para iniciar um negócio enquanto não conseguia emprego. Vendo a minha dedicação falou com o Fiscal do Mercado Municipal com o qual mantinha uma relação de amizade e na ocasião cedeu-me um espaço no Mercado Municipal do Bairro do Zimpeto.*

*Montei uma banca melhorada com mais produtos e na ocasião o meu tio aconselhou-me a tornar-me beneficiário da CCOM do Bairro do Zimpeto. Foi então que o Fiscal do Mercado indicou-me á um dos vendedores para que fizesse parte do seu grupo dando lhe boas referencias minhas foi assim que tornei me beneficiário da CCOM do Bairro do Zimpeto. Eu entrei no grupo porque a pessoa que formou o grupo era conhecido do Fiscal do Mercado que é amigo do meu Tio (...).”*

Há que salientar casos em que os beneficiários procuram os serviços da CCOM do Bairro do Zimpeto para melhorarem a sua condição social como o caso da reabilitação da sua moradia como constatamos na narração a baixo:

*“(...) Eu não tenho nenhum negocio, eu trabalho e a minha mulher também trabalha um meu vizinho falou me da CCOM do Bairro do Zimpeto e disse que queria formar um grupo tendo me questionado na altura se eu estava interessado e como tinha planos de rebocar a casa e construir um murro de vedação aceitei o convite (...)”.*

Neste sub-capitulo retratamos a questão das motivações da procura dos serviços da CCOM por parte dos beneficiários apoiando-se nas trajectórias de vida acima descritas constatamos que as motivações para a procura dos serviços da CCOM do Bairro do Zimpeto não seguem uma lógica uniforme, elas variam conforme a situação social e económica dos beneficiários e muitas vezes a procura pelos serviços da CCOM é influenciada pelas redes sociais na qual encontram-se inseridas.

Denotamos ainda que nalguns casos a procura pelos serviços da CCOM do Bairro do Zimpeto é motivada pelos beneficiários com alguma experiência na sua relação com a CCOM do Bairro do Zimpeto. Estes aspectos são relevantes para a escolha e inserção nos grupos que muitas vezes são influenciadas pelas redes sociais como iremos retratar no capítulo seguinte.

#### **4 Processos de formação de grupos e valores assentes na escolha dos seus membros**

Este capítulo têm como objectivo descrever as etapas que marcam o processo de formação, constituição e organização dos beneficiários em grupos denominado grupos de solidariedade realçando os valores assentes na escolha dos membros que irão constituir os grupos.

O processo de formação de beneficiários em grupos obedece vários princípios e várias trajectórias. Nalguns casos os beneficiários integram-se a grupos já formados e noutros eles tomam a iniciativa de formar o seu próprio grupo escolhendo os membros integrantes como constamos na narração do nosso informante a baixo:

*“(...) Dirigi-me a CCOM do Bairro do Zimpeto e entrei em contacto com o Gestor e perguntei-lhe se não havia um grupo disponível. E o Gestor respondeu-me que havia um grupo em formação e precisavam de um membro para completar o grupo.*

*Entre em contacto com o grupo em questão e constatei que eram pessoas conhecidas mas que não tínhamos nenhum tipo de relacionamento nem afinidade e como tal decidi formar o meu próprio grupo porque na experiência anterior estava num grupo de pessoas que não eram honestas e só me trouxeram problemas pois tive que pagar algumas parcelas sozinho e não reembolsaram-me o valor.*

*Procurei pessoas com as quais mantinha algum tipo de relação, pessoas do Mercado Municipal do Bairro do Zimpeto que já havíamos nos emprestado dinheiro e nalgumas vezes fizemos xitique juntos. Perguntei-lhes se estariam interessados em fazer parte do meu grupo com objectivo de pedirmos empréstimo na CCOM do Bairro do Zimpeto ou se não conheciam alguém ou uma pessoa que quisesse fazer parte do grupo. Foi assim que reuni as pessoas e acabamos formando o nosso grupo (...)”.*

Como pode-se notar no processo de formação de grupos a amizade, vizinhança e o facto de partilharem o mesmo espaço para desenvolverem as suas actividades constituem factores preponderantes para a escolha de membros aos grupos.

Isto deve-se ao facto de se querer no grupo membros de confiança de modo a evitar constrangimentos como o de não proceder o pagamento das parcelas da dívida e consequentemente os outros membros teriam que pagar a parte do membro em falta.

Os grupos tendem preferencialmente a escolher membros que fazem parte da sua rede de relações sociais que são formadas na vizinhança, nos locais onde desenvolvem as suas actividades comerciais como realça a narração a baixo:

*“(...) Para o meu grupo prefiro chamar pessoas que conheço, e sei o que fazem não costumo meter pessoas que não conheço porque não quero correr riscos de escolher pessoas que vão me trazer problemas (...)”*

As redes formadas na vizinhança são caracterizadas por uma constante entreaajuda através da circulação de bens como alimentos em caso de necessidade, ajuda moral no caso de infelicidade, bens essenciais no caso de cerimónias e valores monetários no caso de dificuldades.

As redes formadas nos locais onde desenvolvem as suas actividades comerciais, caracterizam-se por uma constante entreaajuda no caso de necessidades como nos casos em que os negócios correrem mal através de empréstimos de valores monetários.

Aliada a pertença a mesma rede, o beneficiário tende a escolher membros que tenham habilidades para fazer negócio, e o mais importante ainda que vivam na mesma área residencial.

A preferência em ter membros que tenham habilidades para fazer negócios esta no facto de se pretender a reprodução de dinheiro, investindo numa área comercial no caso dos mesmos não estarem empregadas numa instituição formal.

Isto deriva do facto de não se quererem no grupo membros que não ofereçam garantias de reembolso do crédito sob o risco de sobrecarregar os restantes membros pois estes terão que pagar a sua parcela da dívida.

A escolha de membros que vivem na mesma área residencial, oferece maior segurança e garantias aos restantes membros do grupo pelo facto de facilitar o controlo e conhecimento mútuo entre os mesmos.

Na formação de grupos, os membros integrantes tendem a valorizar aspectos sociais e comportamentais do indivíduo como o facto de pertencer a mesma rede, não sendo suficiente o facto de o elemento ter ao seu dispor bens materiais como garantia pelo facto de não se saber se os bens realmente o pertencem.

Nos casos em que o membro é integrado a um grupo já formado por sugestão do Gestor da CCOM do Bairro do Zimpeto, sem necessariamente pertencer a mesma rede nem relacionar-se com um membro que faz parte da rede e não ter nenhum tipo de afinidades com algum membro do grupo, o grupo procura informar-se acerca do comportamento do novo membro.

As informações irão cingir-se na auscultação do tipo de actividade que o novo membro desenvolve, sua situação marital bem como a confirmação da veracidade dos dados fornecidos a CCOM.

A auscultação é feita a pessoas com as quais o membro em causa convive seja na área residencial ou em instituições como igrejas no qual questiona-se o comportamento e o carácter do indivíduo ou do membro em causa.

O membro integrado irá esforçar-se para integrar-se ao grupo procurando conquistar confiança dos restantes, confidenciando planos ou projectos que irá desenvolver com o valor do crédito e os mecanismos que irá accionar para o pagamento das prestações.

O processo de conquista de confiança é feito através da convivência, partilha de experiências e trocas de favores entre eles. Este processo é fruto de interacção social que se estabelecem no quotidiano.

A escolha de membros que irão integrar os grupos comporta critérios rigorosos pois de contrário incorre-se o risco de se escolher pessoas incapazes de pagar as prestações ou simplesmente de não ajudar os outros.

Após a escolha de membros que irão constituir o grupo, o chefe do grupo reúne os membros e marca o dia para formalização do grupo na CCOM do Bairro do Zimpeto. Na reunião que antecede a formalização do grupo que geralmente realiza-se na casa do chefe do grupo, os membros explanam as suas dificuldades, seus planos e os mecanismos que irão accionar para o pagamento das parcelas da dívida.

Entre os membros do grupo, os planos giram em torno da construção ou reabilitação das moradias, compra de bens de uso como cadeiras, mesas entre outros bens bem como a compra de electrodomésticos, montagem da rede eléctrica, da água canalizada bem como investimento nas suas actividades comerciais.

As dificuldades mais comuns prendem-se com o facto de os beneficiários não disporem a priori de elevadas somas de dinheiro para a realização de tais empreendimentos preferindo deste modo recorrer aos serviços da CCOM do Bairro do Zimpeto.

Entre os membros do grupo nota-se entreaajuda para com os membros que não tenham nenhuma fonte de rendimento e que desejem iniciar uma actividade comercial. Nesses casos, os membros que desenvolvem alguma actividade comercial, emprestam ao membro em causa uma banca com produtos como forma de preencher um dos requisitos da CCOM do Bairro do Zimpeto que é o de ter uma fonte de rendimento de modo a tornar-se elegível aos olhos da CCOM do Bairro do Zimpeto.

Isto advém do facto de o grupo nalguns casos ser também uma rede de solidariedade, no qual há uma entreaajuda entre os membros integrantes e ao facto de só os membros do grupo poderem comprovar a veracidade dos bens dos membros, cabendo as autoridades locais a certificação da residência.

A relação entre os membros do grupo vai além da partilha do mesmo valor do crédito notando-se nalguns casos solidariedade entre os membros, isto torna se necessário para a harmonia entre os membros do grupo pois há casos em que chegado o dia do pagamento da parcela, um dos membros não esta em condições de fazê-lo e o grupo cobre o valor da prestação e na prestação seguinte o membro em causa irá restituir o valor em causa.

Os grupos geralmente não são permanentes, pois os seus membros procuram os serviços da CCOM do Bairro do Zimpeto quando têm uma necessidade ou um projecto, que passa pela compra de material de construção civil, pela compra de um electrodoméstico ou para investir no seu comércio no caso de falência.

Dentro dos grupos existem hierarquias personificadas pelo chefe do grupo que é eleito pelos membros constituintes. A eleição do chefe do grupo não obedece a critérios específicos variando de grupo para grupo sendo na maior parte dos casos os membros que formam os grupos a desempenharem esse papel.

O chefe do grupo responde pelo grupo e serve como intermediário entre a instituição e o grupo. O chefe responde a questões como atrasos no pagamento das parcelas mensais, confirma perante a CCOM do Bairro do Zimpeto os dados referentes aos membros do grupo no que toca aos bens escritos nas fichas de candidatura bem como a idoneidade dos mesmos.

O facto de um membro ser chefe do grupo não lhe confere nenhuma regalia nem benefícios materiais, mas este reveste-se de um carácter simbólico conferindo-lhe um status e prestígio dentro do grupo bem como na instituição visto que este é tido como representante do grupo.

O chefe do grupo tem a prerrogativa de expulsar os membros que não cumprem as suas obrigações no grupo no que toca ao pagamento das parcelas, através do relatório dirigido ao Gestor da CCOM do Bairro do Zimpeto como forma de não prejudicar o grupo como todo.

Este relatório é redigido com consentimento dos restantes membros no qual o chefe do grupo relata a vontade do grupo em ver o membro em causa expulso descrevendo o seu comportamento como forma de legitimar o acto e este é entregue ao Gestor da CCOM do Bairro do Zimpeto depois do pagamento de todas as parcelas do empréstimo.

No caso de existência de membros que não preencham requisitos materiais ou que não tenham bens, o chefe do grupo intervém em favor do membro em causa demonstrando outros valores como honestidade e elevado grau de responsabilidade do membro em causa.

O sistema de grupo preconizado pela CCOM do Bairro do Zimpeto advoga que o valor da dívida é colectiva e as parcelas são pagas pelo grupo como todo e não individualmente e como tal para a efectivação do pagamento o grupo marca um dia no qual os membros devem desembolsar a quantia e delega-se um dos membros para efectuar o depósito do valor.

No caso de falta de um dos membros o grupo assume a parte do membro em causa mas no caso de reincidência do membro em causa, o grupo através do seu chefe pode requerer ao gestor a sua expulsão do grupo e nos casos mais extremos o chefe do grupo pode requerer a penhora dos bens do membro em causa e o valor da venda é repartido entre os membros como forma de os compensar pelos transtornos.

Findo o período do empréstimo o membro em causa é expulso do grupo e perde o direito de ter acesso a crédito na CCOM do Bairro do Zimpeto por ter a ficha suja bem como a possibilidade de pertencer a um outro grupo.

A etapa que antecede a concessão de crédito é a de aprovação do grupo pela CCOM do Bairro do Zimpeto. Constitui critério Para aprovação do grupo pela CCOM do Bairro do Zimpeto quando se denota um grau de coesão entre os membros integrantes. A coesão é avaliada mediante questões Colocadas ao chefe do grupo e as mesmas incidem sobre aspectos ligados a vida dos membros como o que faz, o que tem, com quem vive.

No dia em que se faz a avaliação dos grupos nas sextas-feiras o Gestor chega a CCOM do Bairro do Zimpeto as 10horas e senta-se na mesa que ele usa para a realização de outras tarefas os membros dos grupos a avaliar sentam se no banco em frente a mesa do Gestor.

*“Quem é o chefe do grupo”* pergunta o Gestor antes do inicio da avaliação. O chefe do grupo apresenta ao Gestor os restantes membros dizendo lhe o nome a residência e a actividade que desenvolvem bem como a situação marital.

O Gestor de crédito da CCOM do Bairro do Zimpeto é quem aprova os grupos mediante entrevistas feita aos membros integrantes um de cada vez com vista a captar o grau de coesão e de conhecimento mútuo entre os membros e posteriormente preenche-se o questionário que irá constituir a avaliação final dos grupos. As questões giram em torno das actividades que os membros desenvolvem, situação marital e simulam situações de modo a auferir até que ponto os membros estariam dispostos a ajudarem-se mutuamente.

Quando a CCOM do Bairro do Zimpeto denota falta de conhecimento por parte do chefe do grupo a cerca dos aspectos a cima mencionados a CCOM do Bairro do Zimpeto pode reprovar o grupo visto que a CCOM do Bairro do Zimpeto enfatiza a constituição de grupos em que haja harmonia entre os membros e um espírito de confiança e entreajuda.

Após aprovação do grupo são realizadas palestras que visam sensibilizar os grupos sobre a forma aplicação do valor do crédito incentivando sempre a aplicar o crédito numa actividade rentável bem como os procedimentos a seguir para o pagamento das

parcelas da dívida e onde se dirigir, valores da taxa de juro, prazos de pagamento e as multas no caso de atraso.

Essas palestras tem como objectivo ministrar acções de formação onde são explicadas questões relativas ao crédito, juro, lucro e como desenvolver os seus negócios e são dados exemplos de sucesso incentivando sempre a aplicação do dinheiro em actividades rentáveis.

As palestras são realizadas nas quartas-feiras no período compreendido entre as 9 e 12 horas, uma vez por mês e é dirigido pelo Gestor de crédito e nelas participam também os restantes membros da CCOM do Bairro do Zimpeto bem como os grupos aprovados.

O palestrante chega a Caixa as 9hrs e senta-se na cadeira a si reservada ao seu lado sentam-se os restantes membros da CCOM do Bairro do Zimpeto. Os elementos dos grupos aprovados sentam-se nos bancos de madeira encostados nas paredes de cor verde.

Os convidados que são os membros dos grupos que mais se destacam sentam-se nas cadeiras plásticas de cor branca a direita dos membros da CCOM do Bairro do Zimpeto. Antes do início da palestra o palestrante congratula os grupos aprovados e na mesma ocasião apresenta os convidados e os membros da CCOM do Bairro do Zimpeto especificando as funções que desempenham.

Terminadas as apresentações, o palestrante passa a palavra aos convidados e pede lhes que partilhem as suas experiências como beneficiários da CCOM do Bairro do Zimpeto e a forma como aplicam o valor de crédito.

Após a apresentação e a partilha de experiências o palestrante intervém e diz: *“ouviram, isto é o que vocês devem fazer com o dinheiro não é para fazerem festas nem para pagarem o vosso casamento este dinheiro não é nosso e vocês devem devolver para evitarem problemas”*.

Nas palestras o item mais debatido é a questão da taxa de juro e as multas a pagar no caso de atraso de pagamentos sendo a questão de juros a que levanta maior inquietação entre os grupos pelo facto de alguns membros do grupo não compreenderem a sua modalidade e neste contexto surgem questões como se os juros são pagos a cada parcela ou no valor final do empréstimo.

Nas palestras, os grupos são aconselhados a fazer o uso racional do crédito aplicando-o em pequenos empreendimentos com vista a obter lucros desaconselhando o uso em fins como realização de festas, casamentos, baptizados etc. Pelo facto da CCOM do Bairro do Zimpeto pretender o retorno do valor do crédito.

Após a realização da palestra, o Gestor marca o dia para o levantamento do cheque com o valor do empréstimo, para tal são convocados todos os membros que fazem parte do grupo que dirigem-se ao BCI para proceder o levantamento do valor do crédito.

Os membros reúnem-se na casa do chefe do grupo e logo pela manhã e dirigem-se a CCOM do Bairro do Zimpeto para o levantamento do cheque. Chegados a CCOM do Bairro do Zimpeto o Gestor por questões de protocolo entrega o cheque ao chefe do grupo. O valor do empréstimo é repartido em partes iguais entre os membros sendo da responsabilidade individual o seu uso.

#### **4.1 Práticas de uso de crédito e mecanismos de devolução**

Entre os beneficiários há uma percepção que o valor de crédito deve ser aplicado não só em actividades rentáveis como investimento em actividades comerciais, como também na compra de bens essenciais e na melhoria das condições de habitação.

Neste quadro, no âmbito da aplicação de valor de crédito encontramos casos em que o dinheiro é aplicado na construção ou melhoria das condições de moradia usando material convencional em substituição das moradias feitas com base no material local conferindo maior nível de segurança e comodidade.

Naquele contexto a construção de residências melhoradas é um indicador de melhoria de qualidade de vida pois nalguns casos os beneficiários vivem em casas feitas com material precário como sustenta a narração a baixo:

*“(...) Na minha casa quando chovesse entrava água e nos dias em que havia ventania passávamos mal a nossa roupa ficava suja porque a poeira entrava na casa (...)”*

Nalguns casos os beneficiários até vivem em casas feitas de material convencional porém algumas são inacabadas ou não concluídas e os mesmos usam o valor de crédito para a remodelação e melhoria da mesma como sustenta a narração a baixo:

*“(...) A minha casa não tinha janelas eu usei as chapas de zinco para tapar a parte que devia vir a janela e os quartos não tinham portas usava cortinas para substituir a porta com valor de crédito pude comprar algumas janelas principais da sala e do meu quarto (...)”.*

Naquele contexto o processo de construção e de melhoria de residência é de uma importância primordial chegando ao ponto de constituir uma forma de afirmação de masculinidade como podemos constatar na narração abaixo:

*“(...) Um homem sem casa não é homem até pode ter carros mas se não tem casa não é nada até é preferível não ter muitas coisas mas ter uma casa boa e não estar a viver em casa de aluguer (...)”.*

O processo de construção de residência é feito de forma faseada podendo em certas ocasiões levar anos e por tal a conclusão da mesma nalguns casos deixa-se aos filhos como legado. O que marca o início do processo de construção é a fabricação de blocos que geralmente é feito na casa do beneficiário.

Paralelamente a construção de moradias os beneficiários aplicam o valor de crédito na instalação de água canalizada em substituição da água dos poços. A água em questão provém dos furos de pequenos operadores privados e comunitários.

O valor de crédito é nalguns casos aplicado na montagem da rede eléctrica. A instalação da energia eléctrica não implica a conclusão do processo de construção da casa. Ela é feita nos compartimentos já concluídos em substituição da luz do candeeiro.

Aliada a instalação eléctrica, o valor do crédito é também usado na construção de casas de banho melhoradas com uso de fossas cépticas em substituição de latrinas melhoradas contribuindo para a melhoria das condições de saneamento.

Noutros casos o crédito é igualmente aplicado no pagamento dos pedreiros, electricistas que, geralmente o seu processo de contratação é baseado na confiança e nas habilidades profissionais e estes são indicados ou recomendados pelos vizinhos, parentes ou amigos.

Uma outra forma de aplicação do valor de crédito é na compra de electrodomésticos e bens essenciais, sendo o electrodoméstico mais comum o congelador. O congelador naquele contexto ganha uma importância primordial pois o mesmo serve de fonte de rendimento sem ter que dispor de uma infra-estrutura adequada podendo com o mesmo

vender-se produtos como bebidas alcoólicas, pedras de gelo, entre outros produtos além de conservar alimentos.

Naquele contexto verificamos também que o valor de crédito é aplicado no investimento a uma área comercial ou nos pequenos negócios comprando produtos novos em caso de falência ou como forma de melhorar o próprio negócio diversificando o tipo de produtos a vender.

Aliada a aplicação do valor do crédito, alguns beneficiários mostram uma preocupação ou percepção que após a concessão do crédito há necessidade de proceder-se a sua devolução a partir do pagamento das parcelas mensais. Como tal os beneficiários desenvolvem e accionam diversos mecanismos e estratégias com vista a devolução do valor de crédito.

Neste quadro, uma das formas mais comuns e frequentes é a que baseia-se no rendimento das suas actividades comerciais no caso de os beneficiários serem vendedores e no salário no caso de serem funcionários de instituições quer privadas, quer públicas.

Porém, nalguns casos os negócios não tem surtido efeitos ou resultados desejados por diversos factores conjunturais como o facto de em certas épocas registar-se um baixo volume de vendas devido a forte concorrência não obtendo deste modo ganhos suficientes para o pagamento das parcelas mensais bem como para a satisfação das suas necessidades básicas.

Nestes casos, alguns beneficiários têm recorrido a outra fonte de rendimento que é a prática do xitique. O xitique é visto como uma prática na qual os indivíduos envolvidos contribuem uma determinada soma num período pré estabelecido pelos mesmos e baseia-se na rotatividade.

Naquele contexto o xitique é praticado em diversas modalidades sendo a mais frequente o xitique mensal e semanal e é feito entre vizinhos e entre vendedores do mercado municipal do bairro. O xitique praticado pelos beneficiários tem objectivo de permitir o financiamento a realização de despesas como a construção, compra de electrodomésticos e até o pagamento das parcelas de crédito da CCOM do Bairro do Zimpeto.

A prática de xitique neste contexto detém um papel duplo pois além de ser um mecanismo de integração dos grupos ele também apresenta-se como uma forma de diversificação de fontes de rendimento de alguns beneficiários. Pois nalguns casos o valor a receber de xitique é superior ao crédito recebido na CCOM do Bairro do Zimpeto.

Os locais da prática de xitique dos beneficiários são também espaços de criação de redes de solidariedade e de entreaajuda pois há casos em que o membro pode pedir um adiantamento para resolver situações pontuais como o pagamento das parcelas entre outras situações.

Outro mecanismo de devolução do valor de crédito adoptado por alguns beneficiários é o apelo ao grupo. Nalguns casos o grupo funciona como uma rede de solidariedade no qual cada membro integrante tem obrigação de dar ou ajudar sempre que um membro estiver em dificuldades. É neste quadro que o membro em causa pode recorrer a ajuda do grupo para o pagamento da parcela e reembolsando o valor na parcela seguinte.

Uma outra estratégia adoptada por alguns beneficiários para a devolução é o apelo as redes sociais formadas na vizinhança, por amigos e parentes no qual os beneficiários pedem valores monetários a titulo de empréstimo para o pagamento das parcelas da dívida.

Neste sub-capitulo retratamos a questão do uso do valor de crédito e depreendemos que o valor do crédito é aplicado sob diversas formas de acordo com as necessidades dos beneficiários e a aplicação do valor de crédito muitas vezes contraria os preceitos defendidos pela CCOM do Bairro do Zimpeto que visa a aplicação do valor de crédito em actividades de rendimento como forma de garantir a sua devolução.

Constatamos também que os beneficiários desenvolvem e adoptam diversas estratégias para a devolução do valor de crédito. As análises destes aspectos tornam-se relevantes para a compreensão das percepções e representações sociais que os beneficiários têm com relação a CCOM do Bairro do Zimpeto assunto que abordaremos no capítulo seguinte.

## **5 Percepções e representações sociais sobre a CCOM do Bairro de Zimpeto**

Este capítulo tem objectivo de compreender as percepções e as representações que os beneficiários têm com relação a CCOM do Bairro do Zimpeto bem como os conflitos que advém da interacção entre a Caixa e os beneficiários.

A CCOM do Bairro do Zimpeto é vista sob diversas formas e como tal, as expectativas com relação a mesma variam em função do tipo de actividade ou negócio praticado pelos beneficiários bem como a sua situação financeira.

Nalguns casos a estabilidade financeira naquele contexto, influência na visão e na expectativa com relação a CCOM do Bairro do Zimpeto sendo os beneficiários com negócios que caracterizam-se por terem uma maior oferta e diversificação de produtos a não associarem a CCOM do Bairro do Zimpeto a um ponto de partida para se ter e desenvolver uma actividade rentável ou negócio não acontecendo o mesmo com os beneficiários com negócios pouco diversificados em termos de oferta de produtos.

Para alguns beneficiários que se encontram desempregados e outros que abandonam os seus empregos em instituições formais, a CCOM do Bairro do Zimpeto representa um ponto de partida para iniciarem uma actividade rentável ou um negócio.

Sendo assim, a CCOM do Bairro do Zimpeto representa uma oportunidade para ter-se uma fonte de ajuda em valores monetários para aplicar e dar início a uma actividade rentável ou negócios como também para a compra de bens de uso.

Á CCOM do Bairro do Zimpeto espera-se que os ajude através da atribuição de crédito ou empréstimo. Estes beneficiários recorrem a CCOM do Bairro do Zimpeto para iniciarem uma nova actividade e nalguns casos melhorarem os seus pequenos negócios bem como para a compra de bens de uso e nalguns casos para a construção das suas residências.

Por outro lado, para alguns beneficiários que têm um negócio ou desenvolvem uma actividade comercial pouco diversificada em termos de oferta de produtos a sua visão com relação a CCOM do Bairro do Zimpeto é diferente.

Estes beneficiários vêem a CCOM do Bairro do Zimpeto como uma fonte extra de rendimento para auxiliar as suas actividades económicas no sentido de contarem com a mesma para qualquer eventualidade.

Sendo assim, ser beneficiário da CCOM do Bairro do Zimpeto é uma atitude de prudência a eventualidades como o caso de registar-se uma queda ou prejuízos durante o exercício das suas actividades económicas ou nos seus negócios.

Nestes casos a CCOM do Bairro do Zimpeto exerce um papel importante no equilíbrio das suas actividades económicas que ira traduzir-se na aplicação de novos capitais caso os negócios não estejam a correr conforme o desejado.

No quadro da interacção entre a CCOM do Bairro do Zimpeto e os beneficiários tem se registado conflitos. Os conflitos derivam da forma como os beneficiários interpretam as políticas e os procedimentos da CCOM do Bairro do Zimpeto como instituição.

No inicio, alguns beneficiários conotavam a CCOM do Bairro do Zimpeto a uma organização religiosa sob tutela do governo que tinha como o principal objectivo ajudar as populações em condições económicas desfavoráveis.

Esta lógica de pensamento pode associar-se a vestígios da concepção ideológica do sistema económico que vigorava que era o de economia centralmente planificada que caracterizava-se por um Estado provedor de recursos.

O facto de os beneficiários associarem a CCOM do Bairro do Zimpeto a uma instituição estatal fazia com que os beneficiários não cumprissem com os acordos firmados com a CCOM do Bairro do Zimpeto no acto da concepção de crédito o não cumprimento materializava-se nas baixas taxas de reembolso por parte dos beneficiários da CCOM do Bairro do Zimpeto.

Neste ponto podemos concordar com a visão de Christien (1997) que associa as baixas taxas de reembolso ao facto das populações beneficiarias do crédito verem-se no direito de usufruir de crédito alegando que o dono não esta por perto e sendo o governo responsável pela gerência é obrigação deste ajudar o povo.

Ainda dentro desta problemática de conflito constatamos o facto de alguns beneficiários darem dados falsos que muitas vezes culminam em prejuízos a CCOM do Bairro do Zimpeto. Os dados são referentes a residências falsas e bens pertencentes a alheios.

Encontramos casos de conflitos assentes na interpretação das taxas de juro que é na ordem dos 4.5 %. A não compreensão da taxa de juro tem provocado entre alguns

beneficiários a sensação de estarem a ser roubados por sentirem que pagam mais do que deviam.

Alguns beneficiários têm visto a delimitação dos planos de pagamento, que na sua maioria tem sido em prestações de curto prazo, como um entrave para o cumprimento dos prazos no pagamento das parcelas levando a situações de conflito entre os elementos do grupo, pelo facto de alguns membros não conseguirem cumprir com os prazos estabelecidos culminando com o pagamento de multas.

Segundo Buckley (1991) o incremento de instituições Micro Financeiras em África não quer significar um ponto positivo nos supostos beneficiários nos termos propostos por estas instituições. Isto é notório na forma como os beneficiários interpretam e assimilam o modelo implementado pela CCOM do Bairro do Zimpeto como instituição Micro Financeira que é o modelo de grupo o que tem culminado em conflitos isto porque nalguns casos a incorporação deste modelo tem provocado mal-estar entre os beneficiários pertencentes ao mesmo grupo.

A CCOM do Bairro do Zimpeto no seu modelo de grupo preconiza o pagamento de parcelas em grupo e não individualmente. Querendo com isto dizer que os beneficiários reúnem-se em grupo no dia acordado para proceder o pagamento da parcela não raras vezes nos grupos tem se deparado situações em que alguns membros de um determinado grupo no dia acordado para o pagamento, viajam deixando aos restantes a responsabilidade pelo pagamento da parcela. Nestas situações os restantes membros têm de pagar o valor do membro ausente sentindo-se deste modo lesados.

Outra situação de conflitos inter-grupos está no facto da cedência de dados falsos aos restantes membros do grupo e chegado o dia do pagamento da parcela deparam-se com situações em que o membro em causa desaparece e deixando aos mesmos a responsabilidade pelo pagamento das parcelas em causa.

Outra fonte de conflito na interacção entre a CCOM do Bairro do Zimpeto e alguns beneficiários é o carácter de impessoalidade que a CCOM do Bairro do Zimpeto adopta no tratamento dos seus beneficiários a cada acto de atribuição de crédito, a CCOM do Bairro do Zimpeto repete os procedimentos administrativos não dando importância ao facto dos beneficiários em causa sempre cumprirem com os prazos de pagamento. Estes beneficiários auto intitulam-se de “ficha limpa.”

A repetição de procedimentos administrativos passa pela requisição dos mesmos documentos para a abertura de novos processos de empréstimo. Esta repetição acaba sendo uma afronta aos beneficiários mais antigos que se vêem no direito de terem um tratamento diferenciado pela CCOM do Bairro do Zimpeto o tratamento diferenciado requerido pelos beneficiários mais antigos passa pela isenção de novos procedimentos administrativos e pela concepção individual de crédito ao invés de crédito em grupo.

O sistema de grupo é visto por alguns beneficiários mais antigos e com negócios estáveis como um entrave nas suas pretensões pessoais por verem-se atrelados a outros beneficiários com pouca experiência em lidar com o crédito e que certas vezes os mesmos são obrigados a pagarem a sua parte nas parcelas de pagamento da dívida.

Ao terem um tratamento diferenciado seria uma forma de reconhecimento por parte da CCOM do Bairro do Zimpeto da eficiência e da honestidade destes o que de certa forma daria a estes um status entre os beneficiários.

Com a manutenção do modelo de grupo alguns beneficiários mais antigos vêem-se no mesmo status social com os recentes, provocando deste modo um sentimento de discórdia e vendo a CCOM do Bairro do Zimpeto como uma instituição ingrata que não sabe reconhecer os beneficiários que mais se destacam no universo dos beneficiários.

Esse descontentamento traduz-se nas constantes reclamações ao responsável pela concessão de crédito da CCOM do Bairro do Zimpeto por parte dos mesmos requerendo neste caso a concessão de crédito individual o que muitas vezes não surti o efeito desejado pelo facto de a instituição insistir em manter o sistema de crédito em grupo como uma forma de abranger maior parte dos beneficiários.

Neste capítulo debruçamo-nos sobre as visões e as expectativas que os beneficiários têm com relação a CCOM do Bairro do Zimpeto e constatamos que estes vêem a instituição de forma divergente de acordo com a sua situação financeira sendo os economicamente mais estáveis a não associarem a CCOM a uma forma de dar início a uma actividade comercial o mesmo não acontecendo com os economicamente menos estáveis.

## **6 Considerações finais**

A nossa pesquisa procurou mostrar como os beneficiários incorporam as lógicas implementadas pela CCOM do Bairro do Zimpeto que assenta em princípios e valores como solidariedade, confiança e espírito de entreajuda entre os membros integrantes dos grupos.

Tendo como foco a visão dos beneficiários com relação a CCOM do Bairro do Zimpeto verificamos que os princípios para a concessão de crédito adoptados pela CCOM do Bairro do Zimpeto permitem captar um universo maior de beneficiários que vai além dos beneficiários de baixa renda como preconiza o programa.

Constatamos que as lógicas implementadas pela CCOM do Bairro Zimpeto são contraditórias pois a CCOM do Bairro do Zimpeto introduz elementos que são compatíveis a princípios da economia formal como a produção e lucro ou seja concede crédito e cobra taxas de juro numa perspectiva materialista e ao mesmo tempo defende que o critério para a concessão de crédito seja na dimensão colectiva assente a valores como solidariedade.

O sistema implementado pela CCOM do Bairro do Zimpeto que é o sistema de grupo no qual o crédito é repartido pelo grupo e a dívida é paga pelo grupo como um todo notamos que os indivíduos aderem artificialmente a este modelo e que na prática o que prevalece é uma dimensão individualista os indivíduos formam grupos para defender interesses individuais contrariando os pressupostos defendidos pela CCOM do Bairro do Zimpeto que são a solidariedade e espírito de entreajuda entre os elementos que integram os grupos.

Notamos que nos grupos têm surgido conflitos que advêm do facto de alguns beneficiários não procederem com o pagamento das prestações sobrecarregando outros membros do grupo o que coloca dúvidas sobre a viabilidade deste modelo de desenvolvimento a este contexto.

## 7 Referências Bibliográficas

### Obras citadas

- 1.CASAL, Adolfo Yannes. 1996. *Antropologia e Desenvolvimento: Aldeias Comunais Em Moçambique*. Lisboa: MCT-IICT. PP 218.
2. CHRISTIEN, Ruth. 1997. *Banking service for the poor managing for financial successes: Expanding a rised guide book for microfinance's instituicion*.PP 71. World Bank.
3. FURTADO, Celso.1971. *Teoria da politica de desenvolvimento*. IV Edição. PP79. São Paulo.
- 4.LAKATOS, Eva Maria.2009. *Metodologia de trabalho científico*. Lisboa: Atlas Editora.
- 5.SARDAN, Olivier. 1990. *Para uma abordagem antropológica das ideologias e práticas de desenvolvimento*. Revista Internacional de Estudos Africanos.
- 6.TRIVINOS, Augusto.1987.*Metodos e técnicas de trabalho científico*. Edições 70 Lisboa: perspectiva do Homem.
7. YUNUS, Mohamed .2001. *Key note speech for conference of making globalization works for the poor the European contributions*. Kramfors. Instituto de Investigação Cientifica Tropical. CEAA.
8. VLETER, Fion .2001. *Are donors helping in Mozambique case study?* Maputo. CEA.
9. WIARDA, Howard.j. 1981. *Por uma teoria não etnocêntrica de desenvolvimento: concepções alternativas de III mundo*. Lisboa. Ripa.

### Obras consultadas

- 1.BERNARD, Bernard. 1977. *Introdução aos estudos etno-antropologicos*.Edições 70. Lisboa: perspectiva do Homem.
- 2.BOURDIEU, Pierre. 1998. *Teoria do mundo social*. São Paulo: Editora FGV.

3. BOURDIEU, Pierre. 1994. *O poder simbólico*. Lisboa: Edifel.
4. COPANS, Jean. 1996. *Introdução a etnologia e antropologias*. Paris: 2ª Edição Editora Normam.
5. CRUZ E SILVA, Teresa *et al.* 1998. *As carências sociais na periferia da Cidade de Maputo: Casos de Chamanculo, Albasine e Zimpeto*.
6. ELIADE, Mircea. 1989. *Aspectos do mito*. Edições 70. Lisboa: Perspectiva do Homem.
7. \_\_\_\_\_. 1999. *O Sagrado e o profano: A essência das religiões*. Edições 70. Lisboa: perspectiva do Homem.
8. FIALHO, José Feliciano. 1998. *Antropologia económica dos Tonga sul de Moçambique*. Maputo: Arquivo Histórico.
9. FORTIES, Idando. 1995. *O Perfil da pobreza em Moçambique*. Maputo: MPF Unidade De Alívio pobreza.
10. FURTADO, Celso. 1984. *Cultura e desenvolvimento em época de crise*. II Edição. São Paulo: Rip e Paz.
11. FREEDMAN, Maurice. 1977. *Antropologia social e cultural*. Unesco. Lisboa: Livraria Bertrand.
12. GIL, António Carlos. 2008. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. VI Edição Lisboa: Atlas Editora.
13. LUNDIM, Irae Batista. 1986. *Estratégias de sobrevivência na cidade de Maputo : Uma Investigação Antropologia*. Maputo: DAA. UEM.
14. MAUSS, Marcel. 1974. *Ensaio sobre a dádiva: formas e razão da troca nas sociedades arcaicas*. Edições 70. Lisboa: Perspectiva do Homem.
15. MATSINHE, Cristiano. 1999. *Abordagens desenvolvimentistas: Ainda sobre a cultura civic e ethos social*. UFICS/ UFRD/RJ.
16. MOSCA, João. 2002. *Os Dilemas de actuação das ONG's num contexto de ajustamento estrutural*. Maputo CEA.

17.VAN GENNEP, Arnold.1978. *Os Ritos de passagem*. Petropolis: Editora Vozes.

18.VLETER, Fion.1992. *Sector informal urbano uma maioria ignorada*. Maputo: Tempo.